

SERMÃO

DE

MISSA NOVA

PREGADO NO

DIA 25 DE DEZEMBRO DE 1891

Na Matriz de S. João Baptista de Itaborahy, por
ocasião da primeira missa

pregada pelo

Rev. Padre Oly **Alves de Castro**

FOR

Eu **Calmon Nogueira da Gama Pedrinha**

Parocho da freguezia de Nossa Senhora
da Conceição de Paty de Alferes

RIO DE JANEIRO

Typ. do APOSTOLO, rua da Assembléa n. 53

1892



SERMÃO

DE

MISSA NOVA

PREGADO NO

DIA 25 DE DEZEMBRO DE 1891

Na Matriz de S. João Baptista de Itaborahy, por
ocasião da primeira missa
celebrada pelo

Rev. Padre Olympio Alves de Castro

POR

Euripides Calmon Nogueira da Gama Pedrinha

Vigario da freguezia de Nossa Senhora
da Conceição do Paty do Alferes



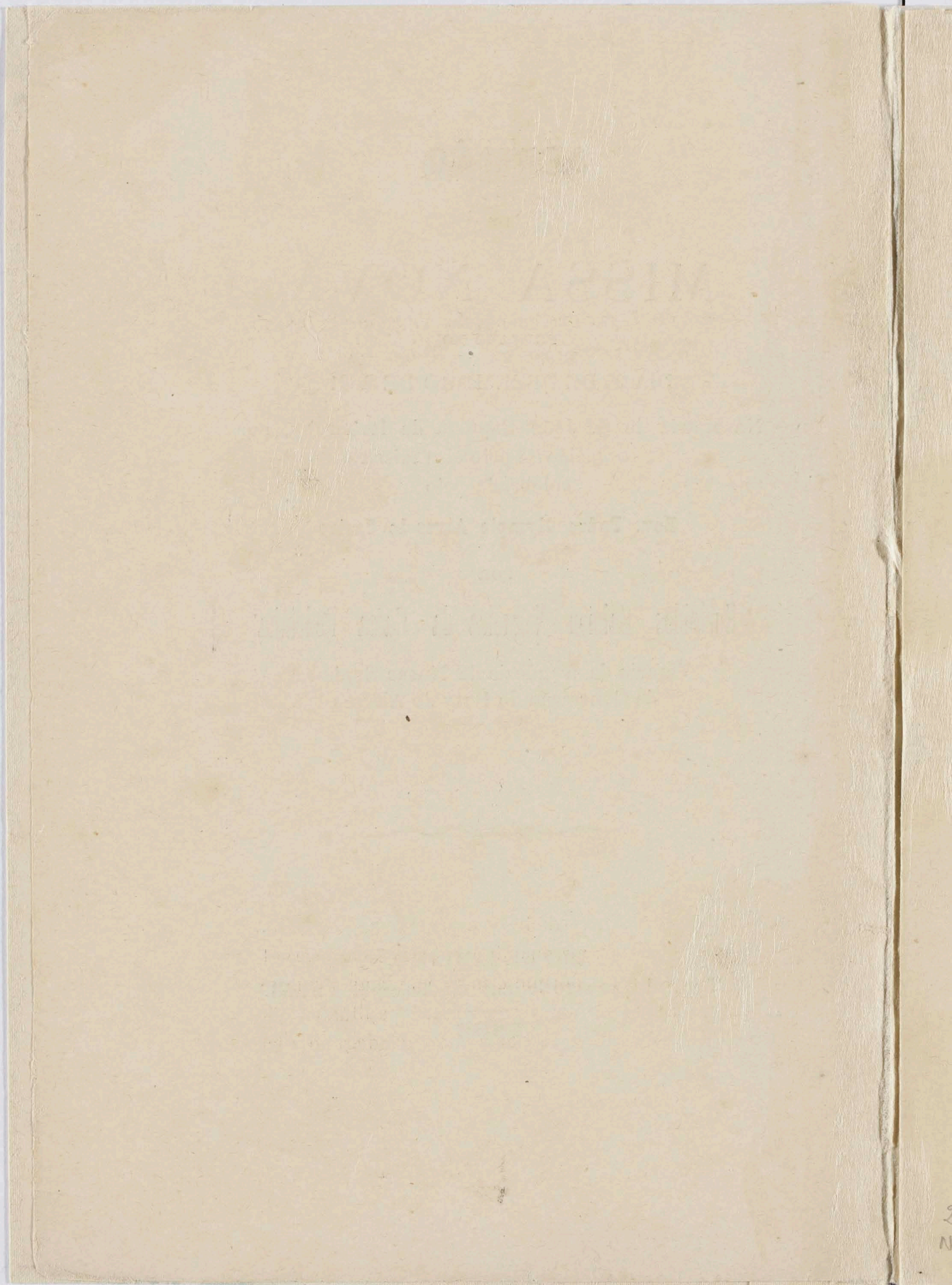
RIO DE JANEIRO

Typ. do APOSTOLO, rua da Assembléa n. 53

1892

L 2546

1
Nº



Ao Revm. Sr. Vigario collado da freguezia de Itaborahy,
Padre Joaquim Mariano de Castro Araujo

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Meu venerando amigo :

E' este o primeiro sermão que publico.

Vazio de erudicção, pobre de eloquencia, pequenino na fôrma e no fundo, não tem mais de sermão que o nome.

Tem elle, porém, um grande merito para V. Revm.: é uma lembrança do dia *25 de Dezembro de 1891*, dia cuja memoria lhe será sempre grata.

Demais, este sermãozinho, em razão do seu objectivo, do lugar em que foi pronunciado, parece um novo laço, que religa e quasi identifica tres entidades, que V. Revm. ama com fervor e não pôde deixar de amal-as: Itaborahy, Olympio Alves de Castro e o humilde orador.

A Itaborahy ama V. Revm. como filho dedicado e sincero, e como verdadeiro patriota, que derrama no berço os suaves aromas de um coração amovavel; ao novo sacerdote, porque o merecem suas virtudes e illustracção e porque essas virtudes e illustracção têm em V. Revm. uma certa paternidade; ao obs-

curo orador, porque sabe V. Revm. e o sabe não sómente em theoria, que o amor só se paga com o amor.

Esses são os motivos que me compellem a sahir de minha obscuridade, para offertar-lhe este fructo não de minha intelligencia, que é esteril, mas do meu coração que, como o de V. Revm., não sabe, não póde tergiversar diante da gratidão, nem amimar ou alimentar o indifferentismo.

Releve a vaidade do offertante, e creia nos protestos de estima e consideração, que lhe consagra o seu

amigo e admirador

E. PEDRINHA.

Paty do Alferes, Janeiro de 1892.

Vós estis lux mundi

Vós sois a luz do mundo.

(S. MATH. 5, 14.)

REVMS. SENHORES.

MEUS SENHORES.

Antes da luz material, a terra era um abysmo povoado de trevas. O Espirito de Deus, o Espirito vivificador passeiava por sobre essa criação informe, qual artista preocupado em dar ao esboço do seu genio as fôrmas e os brilhos, de conformidade com o prototypo de seu sublime ideal.

Diante daquellas grossas trevas, que afogavam no berço a criação divina, Deus parece reflectir..., revolve na riqueza de sua sabedoria, aperta com sua omnipotencia e pronuncia aquelle primeiro e solemnissimo FIAT, que foi a morte das trevas, a vida da luz e o mais jucundo riso da criação.

Fiat lux. Et facta est lux. (1) Desperta-se então a natureza e sobre os escombros das trevas e dos abysmos, corre, aos acenos do Creador, a mostrar ao homem as grandezas de Deus e as maravilhas pasmosas de sua omnipotencia !

Essa luz material foi o mais formoso e delicado adorno com que se vestiu a terra, para se mostrar e apresentar ao rei da criação.

Com o correr dos seculos, senhores, os homens, mediante esta luz material de que tanto abusaram, foram-se apegando ás formosuras caducas da terra, e de tal fórma se arredaram de Deus, que cahiram nos negros abysmos da mais torpe immoralidade !

A misericordia divina julgou necessaria uma outra luz, que sem destruir a primeira, puzesse termo aos seus abusos e nobilitasse os seus effeitos.

Esta luz immaterial, esplendorosa, divina, foi Jesus-Christo, cujo glorioso nas-

(1) Genesis 1—3.

cimento commemora hoje a Santa Igreja Catholica.

O mundo moral estava tão mettido nas trevas da ignorancia e da ignomia, que nos tribunaes publicos e particulares o mais vergonhoso vicio sentava-se com ufania na magestosa cathedra da virtude!

Raia aquella immensa luz no seio das trevas! luz verdadeira, que havia de guiar a humanidade até o seu fim ultimo, até á patria da felicidade perenne e consummada; projecta Jesus Christo os raios fecundos de sua luz benefica sobre a humanidade inteira, e antes de deixar a terra, deixou no sacerdocio por si constituido o poder, o dever, a missão gloriosa e difficil de combater sempre e sempre as trevas, de luzir perante a humanidade, que começava a se erguer para os céus—*Vos estis lux mundi*. Luz do mundo é o sacerdote catholico; o mundo sem esta luz é trevas; as trevas deste mundo não podem soffrer esta luz, mas tambem não podem supplantal-a.

Divinissimo Jesus! hoje que a Igreja Catholica celebra com tanto alvoroço e

apparato, o maior dia do christianismo, o primeiro luzir de vossa brilhante e efficaz luz na intelligencia dos povos, amparae minha fraqueza, avigorae minha debil intelligencia, para que possa eu cumprir um dever de amigo e uma obrigação de sacerdote, sem deslustrar demais esta tribuna e sem distrahir ou cançar com a rudeza de minha linguagem a attenção deste illustrado e religioso auditorio.

Principio.

Rico, senhores, alegre, esplendido, oituroso, foi o berço do primeiro homem. Risos e mimos, beldades e magnificencias primorosas, manifestas e matizadas pela formosa luz do *fiat* omnipotente, tudo viu e gozou o homem no solemnissimo momento em que sahiu dos braços, do coração de Deus !

Que pasmos, senhores, que enleios, que transportes jubilosos não experimentaria então este ente previlegiado ! ?

Voltando elle os olhos para si e sua meiga companheira via e revia, compendidas nelles proprios, todas as grandezas do mundo material, que tanto os arrebatavam. Não podia deixar o homem com aquella intelligencia alevantada, com aquelle coração aprimorado de render perennes e infinitas graças ao Creador por havel-o erguido do nada, e sental-o em tão glorioso throno, como potentado rei da criação, dando-lhe na terra o aureo sceptro de dominador e accenando-lhe com uma corôa de brilhantes, a qual o esperava fulgida no céu

Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram (1), eis a corôa; subjicite eam, et dominamini... universis animantibus, (2) eis o sceptro. Na terra um sceptro, senhores, no céu uma corôa!

Que faz o homem dessas glorias?

Todos o sabemos.

Quiz ter na terra o sceptro de rei e mais

(1) Genis 1, 26.

(2) Genis 1, 28.

a corôa de immortalidade, que no céu sómente devia receber, *sicut dñi*, (1) e perdeu tudo, porque não só não logrou a corôa pretendida, mas perdeu o sceptro alcançado.

Homem! que é isto? que loucura é esta?!

Tua propria estatura não te préga o desprezo da terra, que pisas, e os suspiros pelo céu, que olhas? teu coração e tua intelligencia não te arrebatam para o amor, para a verdade, para a luz? não te compellem para Deus?!

Grande, senhores, insondavel o mysterio da natureza humana!

Fórça e dobra o homem a sua propria estatura; retira os olhos do céu, onde os prégara a propria natureza, abraça e oscula a terra, que calcava; sopita os generosos affectos do coração; opila os ouvidos á verdade, e qual ave nocturna, foge da luz e vai-se merencorio e lugubre

(1) Genis 3, 5.

sepultar-se nas trevas, tetrica e pavorosa habitação da morte! Este, senhores, é o epilogo da historia da humanidade...

Confirmemos agora os feitos de Adão com os factos de seus descendentes; confirmemos esse bello epilogo das sagradas lettras com o triste espectáculo do homem desconcertado e abatido. Imaginae comigo, senhores, imaginae uma náó bem aparelhada correndo serena á mercê de galerno e favoravel vento para o socegado porto do seu destino. Sorprehende-lhe a tempestade, increspa-se o oceano, já se elevando em montanha, já se abatendo em profundissimos valles, o piloto indiscreto e pusilanime quêda-se impassivel — despedaçam-se as velas ao embate do vendaval furioso, desconcerta-se por fim o leme, e a noite, apagando, tristemente o lume do benefico astro do dia, espalha nas trevas a sombra horrivel da morte! Temores, desalentos, sobresaltos, desesperos são as vozes de tristissima elégia, que acompanha os marujos para o inevitavel sepulchro, que os espera. De

repente brilha naquelle immenso negrume uma luz: aproxima-se, cresce, tomam alento os naufragos e jubilosos sahem dos abysmos das ondas para o pavimento de confortado navio, que os conduz á patria suspirada. Assim a humanidade...

Depois de tão enriquecida e opulentada pela liberalidade divina, depara-se-lhe a tempestade das paixões, atira-se ella indiscreta no maremagnum de fatal materialismo e afastando-se da luz immaterial, precipita-se em hediondo tumulto, onde se debate irrequieta e louca, até que emfim brilha no firmamento a radiosa luz do christianismo, apontando o caminho da moralidade, que, unico, nos leva á véra felicidade.

Fallei-vos em tumulto, senhores! achemo-nos, pois, por um instante do miserimo sarcophago do paganismo, e nelle haveis de ler e elle nos hade deparar o mais conciso, o mais profundo, o mais philosophico, o mais verdadeiro e justo epitaphio — MENTIRA!...

Homens! quem vos desthronou do solio

de glorias que occupaveis? quem vos cortou os vãos para Deus? quem vos rebaixou a tanta vilania? quem vos metteu nesse escuro e temeroso tumulto? O epithaphio a tudo nos responde—A MENTIRA!

A mentira, senhores, é filha das trevas, inimiga da luz, irmã inseparavel da hypocrisia. *FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS.*

A mentira destruiu o Eden; a mentira edificou a soberba torre de Babel; a mentira dividiu os homens; a mentira produziu o lastimoso diluvio universal; a mentira abriu a tumba á humanidade; a mentira — é o verdadeiro epitaphio do homem que morre sem Deus!

Interrogae aquelles invictos guerreiros, transformados pela vaidade e pela audacia em gigantes invulneraveis, vestidos na fulgurosa capa do patriotismo,—interrogae-os! sua linguagem toda patriotica... — *mentira!* Naquelles corações se aninhavam a ambição e o egoismo...

Perguntae aos sabios daquella antiguidade decrepita sobre que fundamentos elevavam elles o grande castello de suas

antinomicas e perniciosas doutrinas. Na convicção, diriam elles—*Mentira!*—que a mais fanatica convicção nunca poderia transmudar o cerebro em nojento e asqueroso sensualismo.

Sacerdotes pagãos! como podestes aconselhar tantas torpezas, degradar tanto o coração, envilecer e assassinar a virtude, multiplicar ridicula e crimosamente a divindade? Acaso andaveis cegos, e sem ao menos um incentivo natural para a virtude?—*Mentira!*—Cerrastes os ouvidos aos brados da mesma natureza, abristes o coração aos gozos ephemeros da materia!...

Famosa e formosa Helena! tu, que tão perfeitamente representaste a fraqueza, a inconstancia, a volubildade do teu sexo, não previas por ventura as grandes calamidades, que acarretavas para ti e para a patria, vendendo ignobilmente um coração, que nunca poderia amar se não a um só homem?! Acaso, tu, assim riquissima de formosura, poderias ter mais do que um amor verdadeiro? *Mentira!* Em tuas

eroticas meiguices, Helena, teus labios diziam amor e este amor arremedava as fôrmas de eterna amizade, mas em teu coração só tinham ingresso o indifferentismo, a hypocrisia, a mentira !

O amor verdadeiro, Helena, é sempre eterno, sempre constante, e quando elle não é isto—é menos que amor, mais do que desamor—é uma ironica e affrontosa gargalhada na face do pundonor !...

Por isso, senhores, eu repito, na lousa sepulchral do paganismo, que, arredado da luz do christianismo, afundiu-se, chafurdou-se, morreu nas trevas, eu diviso um epitaphio triste, mui triste, tão triste como as trevas, simples, porém, e significativo — *Mentira !*

Com a vinda de Christo, com a instituição do seu sacerdocio, operou-se na face da terra uma transformação admiravel, estupenda, miraculosa. Vós todos conheceis, senhores, as glorias do christianismo, a sublimidade das virtudes por elle plantadas e alimentadas, a elevação e ennobrecimento da mulher, que sabe revestir o

homem de resignação, de força, de heroísmo para os grandes combates da vida. Vós conheceis os assombrosos feitos da fé, da esperança, da caridade christãs, poderosas alavancas, que soerguem a humanidade até se encontrar com Deus; mas neste logar quero lembrar ainda ao novo levita o hervaçal damninho contra o qual a vinha do Senhor lhe está pedindo o seu desvelo; não quero fallar da virtude, mas do vicio; não quero ainda me occupar da luz, e sim das trevas.

Depois do Homem-Deus ha ainda vicios?! Sim, os ha. Depois daquella Luz immaterial e fulgurosa ha ainda trevas?! Sim.

Jesus Christo, senhores, veio dignificar, regenerar, salvar a humanidade; mas esta regeneração, esta salvação havia de se operar sem quebra da nobreza do homem, sem destruição de suas elevadas qualidades de racional.

Destruir a liberdade do homem, escravizar-lhe o alvedrio, seria indigno de Deus.

Amor e verdade foram as armas de que

se serviu o Salvador na grande obra de nossa salvação. De feito, senhores, Jesus Christo parece exauriu os thesouros de sua omnipotencia, de sua sabedoria, de sua misericordia, para provar a divindade de sua missão, a sublimidade de sua doutrina, a magestade de sua luz, unico pharol para o tempo e para a eternidade. E que é que fizeram os homens? Uma parte seguiu a Christo, uma parte as suas proprias paixões; uma parte nobilitou a liberdade seguindo a verdade, a outra deturpou a liberdade seguindo a mentira; uma parte seguiu a luz, a outra deixou-se ficar nas trevas; uns imitaram a aguia, que fita a luz sem pestanejar e vôa, vôa, vôa até topetar com o sôl; outros imitaram o morcego que é a *maior cega* das aves, porque não quer vêr, porque prefere o antro lixoso ao odorifero jardim, onde brincam colibris; prefere o escuro e apertado escondrijo ás grimpas virentes de magesta a arvore, donde costuma a aguia admirar o esplendido firmamento e as magnificencias do terraqueo orbe.

Novo levita ! tua principal missão é transformar morcêgos em aguias, espancar as trevas e alargar mais e mais os horisontes da luz, *non enim veni vocare justos, sed peccatores* (1); e tu sabes, illustrado collega, que as trevas no paganismo produziram a mentira, as trevas depois do christianismo têm produzido o indifferentismo : a impiedade hodierna vive do indifferentismo, assim como a impiedade antiga fundava-se na mentira.

Eu não sei qual será mais nefando, mais asqueroso, si o mentiroso, si o indifferente.

O indifferente e o mentiroso vivem nas trevas ; o mentiroso combate a verdade, mas lhe reconhece o poderio ; o indifferente ri-se da verdade, porque despreza a sua efficacia : a mentira é o erro do intellecto com a perversão da vontade ; a indifferença é o desvairo da intelligencia e mais o amúo e o nojo do coração.

Senhores não são poucos os que hoje, com capa e letrados e com europeis de

(1) Matt, 9, 13.

falsa sabedoria, riem-se da morte, que continuamente lhes bate á porta ; riem-se do céu e do inferno ; riem-se da divindade da Igreja e de seus salutiferos sacramentos ; riem-se até de Deus, que sem nenhum véu nos está manifestando sempre a sua omniprezença e a sua admiravel Providencia ! E este riso sardonico, senhores, a um tempo prova a fatuidade do indifferente e lembra-nos aquella terrivel sentença da justiça divina *et Dominus subsannabit eos* (1).

Os seus corações inclinam-se mollemente para os gozos materiaes... Sympathias, affectos, amor, amizade, se acertam de entrar naquelles corações são logo abafados, apunhalados, aniquilados pela hypocrisia, pelo indifferentismo, que incontestavelmente é a crudelissima morte da lealdade e do amor.

Hoje, senhores, até nesse augusto capitolio da patria, no amago mais intimo da familia brasileira, onde aliás sempre residiram a nobreza e dignidade, vai já tendo

(1) Psalim, 2, 4.

ingresso o indifferentismo que mata ! hoje já se permuta, já se troca, sinão com satisfação, ao menos com indiferença, o nobilissimo estado de esposa christã, que vem de Deus, pelos andrajos immundos da concubitaria publica, que sahe de um cartorio civil ! Corações assim vasios de todo sentimento nobre não pôdem tambem comportar o nobillissimo amor da patria.

A felicidade da patria exige de cada cidadão o estreitissimo consorcio de uma intelligencia activa e discreta com um coração generoso e heroico.

Indifferentismo !!!

Indifferentismo em religião, indifferentismo nos deveres sociaes, indifferentismo no lar domestico, indifferentismo no amor ! Em tudo e por tudo campêa ovante o glacial e ominoso indifferentismo... Ah ! não permittamos, senhores, que o *indifferentismo* seja o epitaphio dos nossos tumulos ! Seria elle uma afronta aos nossos brios ; uma vergonha, que havia de profanar as cinzas de nossos avoengos ; um descredito no

futuro das glórias brazileiras, as quaes ainda nos não deixaram de todo.

Tu, novo levita, és a luz do mundo, e esta luz hade matar o indifferentismo de hoje, como matou a mentira de hontem.

Do sol, das estrellas, do calor, procede principalmente a luz material, que derrocando e desbaratando o imperio das trevas, mostra-nos a belleza do firmamento, a sobranceria dos montes, a roupagem da floresta, a lindeza das campinas; e tambem o atavio dos passarinhos, a formosura dos insectos, a delicadeza da violeta das montanhas, a candidez do lirio dos valles. O sacerdote, nascido daquelle sol esplendidissimo, Jesus-Christo, impugna o erro, e erguendo o labaro da verdade, vai mostrando aos povos com a luz da fé e com o fervor da caridade, — as grandezas do céu, o fulguroso throno da moralidade, os brilhos do heroismo christão, e os mimos singelos das virtudes domesticas, que não sahem á praça.

Filha do calor, a luz desperta, aquece,

vivifica a natureza, enche a terra de pomos e embalsama-a de odores.

O sacerdote, filho da caridade de Deus, com o coração inflammado no amor divino, acorda a humanidade do pesado somno da morte, derrama-lhe no seio o calor da virtude, a vida do céu, o agradabilissimo aroma da pureza.

Roemer, sabio astronomico, que calculou a incalculavel rapidez da propagação da luz, achou ou imaginou, que, em um segundo, percorre ella 77 mil leguas de 4 mil metros!

A verdade, ensinada pelos labios do sacerdote catholico, voando nas ligeiras azas da luz immaterial, quebra os grilhões da tyrannia, atravessa os valles, transpõe os mares, rompe os pedregosos montes, une as distancias, e, em um tempo, converte o ouvinte e transforma-se no céu em esplendidas corôas para o ouvinte convertido e para o prégador desvelado.

Que admiravel é a luz! que sublime missão a do sacerdote catholico! seus passos são lucernas flammejantes, sua

lingua—mensageira da verdade, da paz, do bem, da felicidade,—unico ideal desse bichinho racional, que se arrasta pela terra !

Quam speciosi pedes evangelizantium pacem, evangelizantium bona ! (1)

Tu, novo levita do Senhor, és a luz do mundo ! e esta luz ha de matar o indifferentismo, esta luz ha de inocular nos peitos o amor verdadeiro e nobre, afervorar os corações, illuminar a intelligencia dos povos !

Isto tem feito sempre o sacerdocio catholico.

Sim ! que o sacerdote ha de sempre luzir, sinão quizer trahir o seu divino ministerio.

Difficil missão esta, senhores, mas fecunda e gloriosa.

O novo sacerdote, com a robustez da sua intelligencia, illuminada pela fe christã, com o fervor de seu coração, sempre enno-

(1) S. Paul ad Bom. —10—15.

brecido pela caridade de Deus, com a convicção profunda no elevado de sua missão, tem em si os elementos todos para ferir com galhardia os grandes combates do Senhor.

Ah! e na actualidade a religião exige de nós um zelo de Paulo, a patria uma dedicação nobre e heroica! A religião insultada, vilipendiada pela ignorancia e pelo fanatismo; a patria, o nosso carissimo Brazil, arrastado, abocanhado pelos abutres da ambição e do egoismo! O desanimo é indigno do sacerdote! Ergue-te, nobre collega, e caminha desassombrado em defeza da Religião e da Patria...

Gloria a Itaborahy! Deus escolheu dentre este inclito povo um novo dispensador de suas misericordias.

Parabens, collega, aos teus conterraneos, aos teus amigos! parabens aos teus parentes; parabens áquelle teu pae pelo coração, meu mestre pelo saber e nosso magnanimo amigo, que vê hoje convertidas as suas fagueiras esperanças na mais gloriosa realidade! Parabens aos

teus progenitores que vêm em ti um delicado mimo com que lhes recompensou Deus seus desvelos e sacrificios, seu amor e afagos ! sobretudo a tua mãe, parabens ! ah ! mãe ! ?... fonte perenne de vida, de consolação, de esperança !

Aquella vigilante solitudine ; aquelles transes, aquellas lagrimas nas tuas enfermidades ; aquellas ternissimas saudades na tua ausencia, aquelles temores e tremores pelo teu futuro, tudo, tudo transformado hoje em gozo, tudo em riso, tudo em plenissima consolação e alegria !

Do alto desta tribuna, em te saúdo, meu amigo, com o coração aboraçado de jubilo ; e neste momento de tanta solemnidade e tanto regozijo, peço a Deus por mim. Acompanhei-te nos bancos de preparatorios, acompanhei-te nos bancos theologicos, e neste *oloroso jardim fluminense*, que é o meu segundo berço pela amizade que lhe tenho, acompanhei-te nos amenos dias de nossas saudadissimas ferias, que nunca, nunca mais volverão !!

Companheiro nas lutas escolares, com-

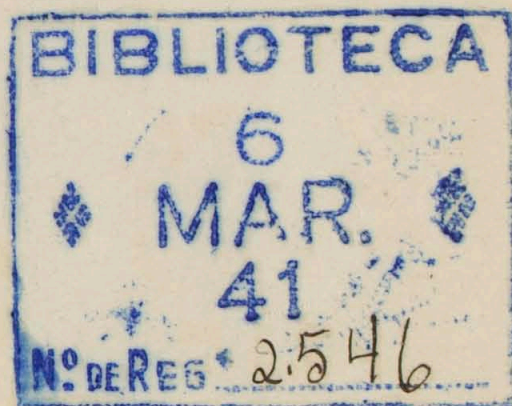
panheiro nas locubrações scientificas, companheiro nos sacrificios, companheiro nas saudades e tambem nas alegrias, alcança-me do céu, que todo risonho te contempla, um raio de luz para a minha fraca intelligencia, uma centelha do amor divino, que abra-se o meu pobre coração, afim de que não baqueie diante das ingentes difficuldades, que na actualidade se levantam contra o sacerdote de Christo. E sóbe, sóbe, novo levita do Senhor, ao monte santo de Sião.

Intercede diante do Deus vivo, do Deus das misericordias pela tranquillidade da Santa Egreja Catholica, pela paz e felicidade do Brazil; pelos teus parentes, pelos teus collegas, pelos teus amigos e conterraneos; pela vida prolongada de teus paes; por aquelle venerando ancião que neste mesmo templo, nesta mesma pia baptismal apresentou-se porteu fiador perante aquelle Jesus-Christo que ainda não conhecias eras já escolhido para sagrado ministro de sua religião sublime e sacrosanta.

E vós, ó radiosa e beatíssima Luz, Jesus Christo! benignamente aceitae o presente sacrificio, que pela vez primeira vos offerece o novo celebrante, respirando ainda o odor da unção sagrada.

Sede propicio, Senhor! amparae-nos a todos com a vossa misericordia, ajudae-nos com as vossas graças, fazei que os vossos sacerdotes sejam luminosos candelabros a espancar continuamente as trevas, a mostrar o esplendor e nobreza da verdade e a encaminhar o vosso povo, Senhor, pelas veredas da virtude até a posse segura do sempiterno galardão. *Vos estis lux mundi.* Disse.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central



BIBLIOTECA
6
MAR. 1911
L. 1000

Biblioteca
L. 1000

51
28



28

